

Funai tem novo presidente: coronel Paulo Leal

BRASILIA (O GLOBO) — O ministro do Interior, Mário Andreazza, aceitou ontem o pedido de exoneração do presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, e indicou para substituí-lo o coronel-aviador Paulo Moreira Leal, que exerce o cargo de assessor da presidência daquele órgão.

O nome do coronel Moreira Leal foi enviado ainda ontem ao presidente em exercício, Aureliano Chaves, para nomeação. O Ministério do Interior pretendia divulgar a troca de presidente da Funai somente após a assinatura do decreto, mas as declarações do coronel Nobre da Veiga na tarde de ontem precipitaram o processo.

O coronel Nobre da Veiga pediu exoneração em audiência com o ministro Andreazza no início da tarde, quando ressaltou que saía por razões pessoais já que sua família nunca se acostumou com Brasília e continua residindo no Rio de Janeiro.

O ex-presidente da Funai foi indicado ontem mesmo representante do Ministério do Interior no Rio e ocupará o cargo de secretário especial da Região Sudeste.

Fontes do Ministério do Interior negaram que a saída de Nobre da Veiga tenha algo a ver com as críticas que o coronel vinha recebendo de antropólogos, da Igreja e de outros setores ligados ao indigenismo.

PERFIL

O novo presidente da Funai, coronel-aviador Paulo Moreira Leal, é pernambucano e há vários anos vinha sendo o responsável pelos assuntos indígenas no Conselho de Segurança Nacional. Há menos de um mês foi indicado assessor da presidência do órgão de proteção aos índios e nas últimas três semanas fez várias viagens, percorrendo Rondônia, Amazonas e Pará.

O coronel Leal, durante sua gestão no CSN, foi um dos responsáveis pela devolução da área do Rio das Cobras, no Paraná, aos índios caingangues e guaranis. Em dezembro de 1979, defendeu a desapropriação de dezenas de fazendas no município de Barra do Garças

(MT) para a criação da Reserva de Parabubaré de Pimentel Barbosa, onde vivem os índios xavantes.

VILLAS-BOAS

Em Bauru, o sertanista Alvaro Villas-Boas disse que o "substituto do coronel Nobre da Veiga deve continuar a política até agora promovida na Fundação, que tem como pontos principais a demarcação das terras indígenas e a realização de projetos agrícolas".

Villas-Boas informou que colocará seu cargo de titular da 12ª Delegacia da Funai à disposição e acrescentou que "os dois anos de trabalho prestados à entidade pelo coronel Nobre da Veiga foram de muito trabalho e desenvolvimento do órgão".

Para o sertanista, a pessoa "ideal" para substituir Nobre da Veiga seria "o superintendente da Fundação, Otávio Ferreira Lima".

PROBLEMAS

Durante os dois anos de sua gestão, o coronel João Carlos Nobre da Veiga enfrentou vários problemas. Já ao assumir a presidência da Funai, em 1979, foi severamente criticado pelas entidades ligadas à causa indígena porque em sua primeira entrevista coletiva disse que não entendia "nada de índio" e o que sabia, havia aprendido na escola.

Foi criticado também quando demitiu, no ano passado, 39 funcionários — entre antropólogos, sociólogos e outros — e contratou 19 militares para os cargos de chefia.

Com os índios, os problemas não foram poucos e, em maio de 1980, um grupo de xavantes, pintados para a guerra e armados com bordunas, invadiram a sede da Funai em Brasília, ameaçando matar alguns dirigentes.

Em agosto do mesmo ano, os Txucarramães do Parque Nacional do Xingu mataram 11 peões que faziam o desmatamento de uma área na margem direita do Rio Xingu, reivindicada por eles. A primeira de setembro, os índios gorotiré, do Pará, mataram 20 pessoas na Fazenda Espadilha, ao sul de suas terras, reivindicando a criação e demarcação da área.

Nobre da Veiga explica as razões do seu afastamento



Coronel Nobre da Veiga

O coronel João Carlos Nobre da Veiga confirmou ontem que está demissionário e que, para deixar a presidência da Funai, aguarda apenas a nomeação de seu sucessor. Nobre da Veiga disse que, ao aceitar o convite para presidir a Fundação, em outubro de 1979, informou ao ministro do Interior, Mário Andreazza, que ficaria "apenas dois anos".

— Vim para organizar a Funai e já organizei — disse o coronel. Em 1979, expliquei ao ministro Andreazza que ficaria somente dois anos por achar o trabalho muito cansativo e desgastante, principalmente para mim, já que minha família permaneceu no Rio de Janeiro.

— Antes de entrar em férias — prosseguiu — comuniquei novamente ao Ministro que meu prazo já estava chegando ao fim. Não quero mais permanecer na presidência da Funai e pretendo retornar ao Rio de Janeiro.

Com relação às denúncias formuladas pelos deputados Antonio Carlos (PT-MT) e Modesto da Silveira (PMDB-RJ) sobre a compra, sem licitação, de um prédio para a sede da Funai e a aquisição por Nobre da Veiga de um apartamento de Cr\$ 29 milhões à vista no Rio de Janeiro, o ex-presidente da Funai afirmou:

— Eu realmente estou passando a escritura de compra e venda de um apartamento, mas o pagamento não será à

vista. A casa onde moro no Rio de Janeiro está avaliada em Cr\$ 60 milhões e eu tenho uma casa em Petrópolis, avaliada em Cr\$ 20 milhões. Não posso me desfazer de um deles e comprar um apartamento só porque estou presidindo a Funai? Não há qualquer prova nas denúncias que são feitas por aí — ressaltou.

ESPIRITO DE EQUIPE

Segundo o coronel Nobre da Veiga, um dos pontos mais importantes de sua gestão foi "a criação do espírito de equipe".

— Promovemos encontros de delegados e advogados, nivelando os trabalhos da Fundação — disse. Descentralizamos a administração e, hoje, as delegacias regionais trabalham com inteira liberdade, pois estabelecemos que o órgão cen-

tral tem apenas funções normativas, de fiscalização e repasse de recursos. Interferimos nas delegacias somente quando são esgotados todos os meios legais dos delegados.

Nobre da Veiga acentuou que em sua gestão foi possível estabelecer o que é área indígena:

— Em 72 anos de existência do órgão responsável pela tutela dos índios, somente este ano conseguimos iniciar o registro, em cartório, das áreas indígenas existentes no País. Já homologamos três áreas em Rondônia, mas ainda faltam 23.

O ex-presidente da Funai ressaltou também a importância do trabalho de conscientização, desenvolvido nas áreas indígenas, para a valorização pelos índios da produção da terra:

— O índio mais aculturado deve estar preparado para conviver com a sociedade envolvente. O índio é saudável, dotado de grande senso de oportunidade. É inteligente e profundamente sério — ressaltou. Apesar das várias críticas que recebi, acredito que tenha feito o melhor em benefício dos índios. Quando proibi que saíssem de suas aldeias sem necessidade, muitos não entenderam. Mas hoje podemos constatar que isto visou defender os cofres públicos. Só pagamos passagem e hospedagem aos que saem das aldeias a trabalho e não aos que querem passear às custas da Funai.